

# Adiante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## SALAZAR TIRA MAIS UMA VEZ A MÁSCARA REPRESSÃO E BURLA NAS ELEIÇÕES PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA

As comemorações do 5 de Outubro e a realização das eleições para as Juntas de Freguesia evidenciaram mais uma vez o carácter anti-popular do governo salazarista e o profundo abismo que o separa da Nação.

Elas mostraram também que um forte desejo de unidade anima as massas populares e que é possível um largo entendimento entre as forças democráticas e anti-salazaristas para se atingir o objectivo comum imediato: afastar Salazar do Poder e colocar à frente do País um governo de portugueses honrados que restabeleça a legalidade democrática e respeite os direitos essenciais dos cidadãos.

### O fascismo não conseguiu impedir totalmente as comemorações do 5 de Outubro

Nas comemorações da implantação da República, o governo salazarista, com o auxílio da PIDE, proibiu todos os actos e manifestações populares que pudessem proporcionar o desmascaramento da sua política anti-nacional e principalmente as ilegalidades de que rodeou as eleições para as Juntas de Freguesia. Ao mesmo tempo, pela acção do seu aparelho repressivo, procurou impedir que as massas se agitassem e comemorassem, como era seu desejo, o aniversário da revolução republicana.

Em Lisboa e no Porto foram proibidos jantares de confraternização republicana para os quais se haviam já inscrito centenas de democratas e a mesma sorte tiveram as habituais sessões nos Centros Republicanos. Contudo, o Governo não pôde impedir que em muitos pontos do País aquela histórica data fosse comemorada numa forma ou doutra.

Em algumas localidades vários democratas se juntaram e confraternizaram, noutras foi lançado fogo de artifício e em várias outras foi exaltado o significado da implantação da República.

Em Lisboa, apesar do aparato e das provocações das forças repressivas, foi feita uma romagem ao cemitério do Alto de S. João, em que participaram cerca de 500 pessoas, que cobriram de flores os túmulos de republicanos ilustres. A saída do cemitério, a PIDE mandou encerrar os portões e fez sair um a um, os visitantes, a fim de impedir que participassem no cortejo ao monumento do Dr. António José de Almeida.

Junto deste monumento, o aparato policial era grande. Havia polícias em todas as redondezas,

carrinhas e automóveis da PIDE, camionetes da PIDE e da PSP, vários carros com alto-falantes, aparelhagem de rádio-comunicações e motocicletas que seguiam até à Praça de Londres todos os automóveis que passavam. Muitos policiais ostentavam coletes com bombas de gases e sacos de máscaras anti-gas. Isto mostra que o salazarismo estava disposto a reprimir brutalmente toda a manifestação popular.

No Porto, Alpiçça, Torres Vedras, Alcanena e noutros pontos do País organizaram-se romagens aos cemitérios e jantares de confraternização que reuniram algumas centenas de democratas.

Pode-se, pois, afirmar que, ape-

sar da repressão e da atitude passiva de alguns democratas de direita, as comemorações do 5 de Outubro foram animadoras para as forças anti-salazaristas.

### Mais uma burla eleitoral

Nas eleições para as Juntas de Freguesia, o Governo lançou descaradamente mão da ilegalidade e da fraude para impedir a eleição de Juntas anti-salazaristas e a participação das massas na escolha e na eleição de candidatos que melhor pudessem defender os interesses das populações locais.

Como se sabe, o Governo anunciou numa forma ambígua a realização das eleições no dia 3, sábado, (continua na 2.ª página)

## POR UMA AMNISTIA POLÍTICA IMEDIATA! PELA PACIFICAÇÃO NACIONAL!

Aproxima-se o Natal.

Os homens, sedentos de paz, fizeram desse dia o «Dia da confraternização familiar».

É a quadra festiva em que os ausentes procuram o lar distante em busca do carinho familiar e em que os velhos pais desejam ver reunidos à sua volta entes queridos que a vida dispersou do lar paterno.

Entretanto, no nosso país, dezenas e dezenas de homens, mulheres e jovens, dignos portugueses, alguns já há longos anos arrebatados violentamente ao convívio das suas famílias e dos seus amigos, estão impossibilitados de confraternizar em paz com os seus, se em relação a eles não houver um gesto de compreensão política e de simples humanidade.

Nas frias celas da Fortaleza de Peniche, do Forte de Caxias, do Aljube de Lisboa e doutros cárceres políticos do continente e das colónias, ou nas provações da clandestinidade e do exílio, muitos dezenas de pais e mães, filhos e filhas, irmãos e irmãs, e com eles toda a nação, reclamam esse gesto da parte dos governantes.

Que crimes cometeram estes patriotas? Esses homens e mulheres que quiseram apenas ver respeitados no seu país a legalidade e os direitos mais elementares dos cidadãos, esses jovens, que sonham para a sua pátria um futuro melhor e mais radioso, não cometeram outro «crime» senão o de combater a política dum governo que teima em negar os anseios mais profundos da nação.

Entre eles há comunistas, socialistas, democratas sem cor partidária, católicos, e, socialmente dividem-se pelas mais diversas condições: operários industriais e agrícolas, estudantes, médicos, juristas, escritores, proprietários, militares e até eclesiásticos.

Muitos cumprem pesadíssimas condenações; outros há muito terminaram as penas a que foram condenados; outros aguardam julgamento há longos meses e até anos; outros ainda encontram-se detidos nas prisões da PIDE sem culpa formada.

Se todos os portugueses desejoses de ver reinar a paz na vida nacional, se todos os homens e mulheres dotados de sentimentos humanitários, independentemente das suas concepções políticas e religiosas e da sua condição social, conjugarem os seus esforços num amplo movimento nacional pela libertação dos presos políticos é possível levar os governantes a esse humano gesto por que todos anseiam: fazer regressar aos seus lares, para o confraternização do Natal, esses ausentes queridos.

Enviamos petições, cartas e representações ao governo, ao Presidente da República, à Assembleia Nacional, às autoridades distritais e locais com esse objectivo. Multipliquemos as acções em prol dumha pronta e completa amnistia política!

É tempo de se abrir as portas das prisões aos filhos e filhas do povo encarcerados. É tempo de restituir à liberdade e ao convívio das suas famílias e amigos, todos os patriotas presos e perseguidos. É tempo de se realizar esse gesto de pacificação nacional tão ardentemente desejado e solicitado por todos os sectores da vida portuguesa: A PROMULGAÇÃO DUMA IMEDIATA AMNISTIA POLÍTICA!

Desde Março de 1949 — há, portanto, mais de 10 anos — que Alvaro Cunhal se encontra preso pela terceira vez, às ordens desse bando de Salazar que se chama PIDE.

São 10 longos anos de torturas que não abalarão nem por um só instante o devotamento deste dirigente do Partido Comunista Português à luta pela libertação de Portugal do regime fascista.

Ainda muito jovem, era então estudante do liceu, começou A. Cunhal a sua luta pela Democracia. De então para cá sempre se manteve nas fileiras de vanguarda da luta anti-salazarista, dando provas de abnegação sem limites na defesa dos interesses do nosso povo.

Ainda está na memória dos democratas portugueses o que foi o seu julgamento, em Maio de 1950, julgamento que ele conseguiu transformar em vigorosa acusação contra a política de Salazar de exploração, de terror e de submissão ao imperialismo estrangeiro. O réu foi efectivamente Salazar e os seus apañados, mas os juizes, abandonados com os piores inimigos do povo, com a PIDE e Salazar, condenaram A. Cunhal a longos anos de prisão. E, posteriormente, esses chamados «juizes» continuam de mãos dadas como cúmplices fiéis dos crimes e arbitrariedades gizados em S. Bento e na PIDE e, assim, a sua pena tem vindo a ser agravada e prorrogada os períodos de medidas de segurança.

No próximo mês de Janeiro termina o 2.º período de medidas de segurança. O povo português não pode consentir que os esbirros salazaristas prolonguem por mais tempo a prisão deste patriota. O povo português reclama a libertação de Alvaro Cunhal. Ele é um homem de que o País precisa.

A sua prisão tem levantado os protestos de muitas e muitas pessoas simples, mesmo daquelas que, não sendo comunistas, compreendem que é mais um crime de Salazar, mais um atentado contra os direitos da pessoa humana e, por isso, que é justo ajudar à sua libertação. Incrições, abaixo-assinados, moções, centenas de cartas pedem a libertação de Alvaro Cunhal. Actualmente, corre de Norte a Sul do País um documento assinado por numerosas individualidades, das mais diversas tendências políticas, que exige o termo da monstruosa arbitrariedade que condena Cunhal à prisão perpétua. Esse documento cobre-se, de dia para dia, de centenas e centenas de assinaturas.

E, a par das acções do povo português pela libertação de A. Cunhal, não podemos esquecer as provas de solidariedade internacional, quer em artigos e apelos, quer em comícios e outras manifestações de massas. A opinião pública mundial vê neste patriota um combatente da paz e da liberdade.

É evidente que não podemos minimizar o que tem sido feito. Mas estamos convencidos, porque confiamos no espírito de justiça e humanidade do povo português, que ainda não fizemos tudo o que pode ser feito para arrancar Alvaro Cunhal das garras salazaristas.

A sua situação, a sua vida preciosa exigem que estes próximos três meses se transformem numa intensa campanha pela sua libertação imediata.

Daqui lançamos um apelo à valente classe operária e à juventude portuguesa, certos de que imprimirão a esta campanha todo o seu característico vigor, toda a sua (continua na 5.ª pag.)





## O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES

### FALSEIA A VERDADE!

O fascismo é a forma mais clínica e brutal de domínio do capital financeiro.

O nosso povo já está suficientemente instruído acerca do carácter de classe deste monstruoso regime. Essa dolorosa «instrução» começou efectivamente quando Salazar se apossou das alavancas do poder. Cada reforma legislativa, cada medida económica, cada acto político do governo salazarista traz a marca inconfundível da sua natureza de classe — o salazarismo é, estruturalmente, o regime dos monopólios.

Entretanto, o salazarismo, como todos os regimes fascistas, procura combinar os seus métodos de dominação violenta com a mentira e a demagogia mais abjectas, a fim de ludibriar as massas e perpetuar a sua permanência no poder.

Uma das tentativas de ludíbrio mais refinadas é o discurso pronunciado em Coimbra, no passado dia 23 de Setembro, pelo Ministro das Corporações, por ocasião do 26.º aniversário do chamado «Estatuto do Trabalho Nacional».

Este mistificador fascista produziu algumas afirmações num tom muito «judicioso», envolvidas de «altas» considerações ideológicas e filosóficas, evidentemente destinadas a inverter as realidades e a velar o conteúdo anti-popular da política corporativista de Salazar.

Cotejemos, entretanto, as suas afirmações mentirosas com alguns factos.

#### O corporativismo-orgânica dos monopólios

O ministro-demagogo afirma, por exemplo, que a dissolução dos partidos — operada, como se sabe, violentamente, pela ditadura fascista — se baseou «em motivos profundos de ordem nacional». Aludindo depois às «corporações» apresentou-as como formas duma nova «concepção orgânica da sociedade», onde as diversas actividades veriam representados os seus interesses, destinadas a suprir vantajosamente os partidos na limitação dos poderes do Estado, a fim de, aduzia com «clínica candura» o ministro, não se cair «em formas de totalitarismo mais ou menos acentuados». (1)

Ouvindo o sr. ministro parece que o regime salazarista não parece da pior totalitarismo... Ele tenta ainda falsear as profundas razões de classe — e não os motivos profundos de ordem nacional — que levaram todos os ditadores fascistas, incluindo Salazar, a dissolver violentamente os partidos e a instaurar, duma forma ondulante, o poder do grande capital.

A forma adoptada por Salazar foi a chamada «organização corporativa». As Corporações não representam uma nova orgânica social. São formas medievais que fizeram o seu tempo e se tornaram ultrapassadas e reacccionárias quando o capitalismo se afirmou como classe ascendente. Salazar, como Mussolini e outros ditadores fascistas, foram buscar às corporações da Idade Média a sua feição mais retrógrada e reacccionária, aquela que permite aos senhores feudais da era actual — os grandes monopolistas

— subordinar aos seus sórdidos interesses, os interesses vitais das classes trabalhadoras e das diversas camadas da burguesia nacional industrial, comercial e agrícola. Esta é a realidade da tal nova «concepção orgânica da sociedade», agora sublimada com tanta «erudição» pelo Ministro das Corporações.

#### O II Plano de Fomento — plano de ruína e de fome

O nosso povo aprendeu duramente a identificar «corporativismo» e monopolismo como uma e a mesma coisa.

Ninguém poderá contestar que entre nós a chamada «institucionalização» do regime acompanha a par e passo a crescente monopolização da economia nacional.

Não é bem elucidativo, que ao mesmo tempo que se criam as primeiras Corporações, o II Plano de Fomento estabelece a «concentração de fábricas e oficinas em unidades fabris de maior rendimento económico e perfeição técnica» e a «expropriação de instalações excessivas» com o significativo colarinho de que «terá de ser posta de parte a ideia de expropriar, com indemnização, as instalações excessivas»?

Não é verdade que há uma estreita relação entre uma e outra coisa? Não é verdade que o Estado fascista se propõe, através das Corporações, completar a sua obra de liquidação das pequenas e médias empresas industriais, comerciais e agrícolas em proveito dos grandes monopólios?

Esta típica obra de liquidação monopolista não é uma «invenção da propaganda comunista»?

Só num curto espaço de 3 anos, de 1952 a 1955, em 19 das indústrias abrangidas nas que o II Plano de Fomento se propõe «reorganizar», o número de fábricas e oficinas baixou de 4.131 para 3.882, enquanto o número das inactivas, incluídas nestes totais, subiu de 593 para 1.296, ou seja, de 14 para 31%!

No mesmo período, o número de operários empregados nestas indústrias baixou de 137.161 para 115.564. Só na têxtil algodoeira desapareceram da produção 11.639 assalariados, na da cortiça 4.887, na dos vidros 2.538! E a trágica razão provocada pelas crises de 1957-1958 na têxtil e de 1958-1959 na cortiça e nas conservas, quantas fábricas e operários teria eliminado da produção? E quantas teria «concentrado»?

E a perspectiva é ainda concentrar e concentrar como claramente a definiu o Secretário do Comércio no seu discurso de 4 de Setembro e na recepção aos industriais conservadores do Algarve.

O que isto representará na vida das classes trabalhadoras pode desjá vislumbrar-se através do regime de sub-emprego em que vivem presentemente milhares de operários corticeiros, têxteis, conserveiros, metalúrgicos e outros que veem a miséria invadir os seus lares duma maneira verdadeiramente inquietadora.

(continua na 3.ª pág.)

## SALAZAR TIRA A MÁSCARA

(continuação da 1.ª pág.)

nos jornais da tarde. No domingo, 4, e na 2.ª feira, 5, feriado nacional, não puderam ser apresentadas listas de oposição e como o Governo marcou as eleições para o dia 18, sabendo-se que as listas deveriam ser apresentadas com 13 dias de antecedência, isso provocou a impossibilidade prática da concorrência da Oposição ao acto eleitoral. Depois deste baixo expediente, o Governo e a «União Nacional» apelaram cinicamente para o «civismismo» dos eleitores no sentido de comparecerem nas assembleias de voto.

Se ainda dispomos de informações pormenorizadas da maneira como nos vários locais se processou o acto eleitoral, podemos desjá afirmar que as massas populares, seguindo as palavras de ordem das forças oposicionistas, entre as quais o Partido Comunista, se manifestaram claramente pela abstenção eleitoral. Em quase todas as assembleias votou um número insignificante de pessoas.

A fraquíssima concorrência às urnas, em contraste com os resultados anunciados pelos fascistas, mostra desde já que o Governo fez as custumadas «chapeladas» e realizou mais uma miserável farsa eleitoral.

Esta nova burla indignou as massas populares e muitos protestos foram endereçados ao Governo. A Oposição democrática dirigiu aos governantes fascistas o seguinte protesto:

«Excelência:

Os abaixo-assinados vêm junto de V.ª Ex.ª protestar contra a forma como foram marcadas as eleições para as Juntas de Freguesia que impossibilita, na prática, pela escassez do tempo, a apresentação de listas que não sejam as do Governo e vem a V.ª Ex.ª que as mesmas eleições sejam adiadas para o último domingo de Outubro».

Este protesto circulou pelo País e recolheu já centenas de assinaturas. O Ministro do Interior procurou

impedir que o protesto dos democratas fosse tornado público para que a burla do Governo não fosse desmascarada.

No seu próximo número, o «Avante» tornará públicas algumas das falcatruas dos salazaristas.

Unir e organizar as massas

é a tarefa imediata

As forças anti-salazaristas devem tirar destas eleições as necessárias conclusões políticas e delas estabelecer as premissas para acções futuras.

Apesar dos passos dados no terreno da unidade, houve ainda democratas que resistiram a unir-se às amplas massas e dessa maneira dificultaram a sua mobilização. Resultados muito mais substanciais poderiam ter sido colhidos, se mais cedo se tivessem realizado entendimentos e reuniões de democratas e se todos se lançassem na tarefa essencial de organizar comissões eleitorais e listas de candidatos.

Ao mesmo tempo e com vistas a outros actos eleitorais, convém alertar nos métodos empregados mais uma vez pelo governo de Salazar. Os governantes não hesitam em delatar mão da burla, em reprimir e intimidar as massas, em levar a cabo as mais subtis manobras de divisão e de paralização da acção democrática.

Só um trabalho de massas feito em profundidade e a tempo pode impedir o governo de obter êxitos nas suas manobras. Num período em que se avizinharam novos actos eleitorais, a consideração de tais métodos e as exigências da unidade de acção devem preocupar desde já as forças anti-salazaristas.

Em especial à classe operária cabe um importante e decisivo papel na tarefa de mobilizar, organizar e unir as massas populares contra Salazar.

Impõe-se que, em estreita unidade, o nosso povo escorece enfim do Poder esse inimigo jurado da Nação.

## PROVOCAÇÕES DOS SALAZARISTAS

### NO BRASIL

As manifestações democráticas, sejam elas de pura confraternização, sempre foram odiadas pelos salazaristas, que ao gostam dos seus «espontâneos» ajuntamentos.

O que aconteceu então?

Segundo notícia o jornal brasileiro «Última Hora», de 5 de Outubro, elementos salazaristas tendão à frente os agentes da PIDE Valente e Lamego, resolveram intrinsecamente num almoço a bordo do «Vera Cruz» que acabava de chegar ao Rio de Janeiro, no qual se participavam o General Humberto Delgado, o escritor Ferreira de Castro e outros democratas, nomeadamente aderentes do Movimento Nacionalista Independente e da Associação Humberto Delgado.

Os servacóis, à mistura com históricos vivos a Salazar, dirigiram insultos ao Brasil e ao povo brasileiro. Claro que os anti-salazaristas presentes não podiam calar a sua indignação e responderam energeticamente à provocação. Travou-se então violenta luta corpo a corpo e os judiciais pides e seus ajudantes foram expulsos.

O jornal «Última Hora» termina assim: «Apesar das escaramuças, nenhuma prisão foi efectuada. Facto digno

de registar foi a solidariedade demonstrada pelos brasileiros aos democratas portugueses. Logo que se iniciou o «riffi», os brasileiros presentes tomaram o partido do grupo anti-salazarista, manifestando-se contra os desordeiros».

E nem outra coisa era de esperar. Laços fraternos unem os povos de Portugal e do Brasil contra a ditadura de Salazar. Este foi mais uma prova da solidariedade do povo irmão.

## OIA A RÁDIO!

### RÁDIO MOSCOVO

Transmite diariamente para Portugal no horário das 31 ds 22 horas, pelas ondas de 27, 31 e 41 metros.

### RÁDIO PRAGA

Transmite diariamente para Portugal, das 18,30 às 18,55 em 19, 25 e 31 metros com repetição em ondas médias às 23,45 em 273 e 233 metros.



## O MINISTRO FALSEIA

(continuação da 2.ª pag.)

### Um ano fértil em misérias para os trabalhadores

Nun outro passo do seu discurso, o ministro adibiu de-fé-a afirmar que «o último ano foi fértil em acontecimentos propícios à melhoria da teor de vida dos trabalhadores». (1)

Esta cínica afirmação seria para rir se não encapsulasse uma situação realmente trágica.

Como explica o sr. ministro a feroz oposição do governo a um aumento geral dos salários dos trabalhadores e o desfavor com que foram tratados em relação ao funcionalismo civil e militar, ao qual o governo, por medo de se ver completamente abandonado dos seus próprios servidores, concedeu um aumento «político» dos seus vencimentos, aliás insatisfatório para a grande massa dos funcionários públicos?

Como explica que ao mesmo tempo que os salários são deliberadamente congelados pelo governo os preços da alimentação, do alojamento, do vestuário subam sem que lhe oponham entraves sérios? Subiu o preço do pão (pela redução do peso das unidades), subiu o do peixe fresco, o do bacalhau (que já se vende a 18 e a 20\$00 nalguns pontos do país), o das hortaliças, o da carne, o do azeite, etc., e a perspectiva é de novas altas do custo de vida. Estes aumentos absorveram já, de facto, as magras melhorias arrancadas pela dura luta dos trabalhadores, não conseguidas por obra e graça dos governantes. Os «acontecimentos propícios» aos trabalhadores foram fortuitos pela sua própria luta, muitas vezes enfrentando corajosamente a acção violenta dos assassinos da PIDE, o que não raramente significou o sacrifício da liberdade e até da vida para alguns trabalhadores.

Mas talvez o sr. ministro se queira referir aos «seus» contratos colectivos, revistos em massa devido à pressão do operariado...

Sobre o valor destes contratos talvez mereça a pena questionar os ferroviários, os cerâmicos, os vidreiros e muitos outros trabalhadores que em muitos casos ficaram a ganhar o mesmo ou menos ainda que as tabelas anteriores, ou os corticeiros que viram terminada em 15 de Outubro último toda a garantia legal de trabalho.

O ano que acaba de passar é, na realidade, um dos mais ilustrativos da política anti-operária levada a cabo pelo governo de Salazar. Não é por acaso que, no decurso de 5 anos, de 1951 a 1956 o consumo de artigos de alimentação da grande massa do povo apenas subiu de 5%, enquanto que o de artigos de luxo, que só os ricos consomem, teve um acréscimo de 70%!

### Para onde vão os fundos da Previdência

Por último e porque este já vai longo para o pequeno espaço do «Avante» queremos referir o relevante dado pelo Dr. Veiga de Macedo ao papel das Caixas de Previdência no apregoado programa de construção de habitações.

Diz mentrosamente o ministro que «o preço incompatível dos

terrenos vinha obstando à materialização dos programas há muito preparados para a construção maciça, na capital, de habitações económicas...» O ministro enche a boca com os 700.000 contos e os 8.000 casas cuja construção se anuncia com os fundos da Previdência.

Não, senhor ministro, não foi por causa do preço dos terrenos, mas porque os fundos da Previdência não são foram desviados dos seus fins próprios como foram aplicados em iniciativas que beneficiaram largamente os «pobrezinhos» dos administradores da CP, da Sacer, das grandes empresas eléctricas, da CUF, etc., etc. Só para financiar o 1.º Plano de Fomento foram investidos 2 milhões 332 mil contos das Caixas de Previdência que proporcionaram grossos lucros aqueles monopolistas.

O 1.º Plano de Fomento prevê o investimento de 1 milhão e 800 mil contos das Caixas de Previdência, podendo entretanto atingir os 24% do financiamento total do «Plano», ou seja, os 7 milhões de contos!

Comparados com estas verbas respeitáveis, arrancadas aos trabalhadores, os 700.000 contos para as 8.000 casas que o sr. ministro anuncia (só em Lisboa vivem mais de 80.000 seres nos chamados «bairros de lata») mais parecem uma cortina de fumo com que os governantes fascistas querem ocultar a enorme sangria de fundos da Previdência que se prepara mais uma vez em benefício dos grandes monopolistas da banca e da indústria.

O Dr. Veiga de Macedo faz, contudo, uma afirmação de incontestável valor: — ele convida a afastar-se, «ao menos por uma questão de decoro e dar lugar a outros mais leais e coerentes», certos incompetentes que se encontram à frente de serviços públicos.

Pois, muito bem; que se demita o ministro das Corporações e os seus ilustres colegas do gabinete, juntamente com o seu chefe, Salazar, que tanto tem infelicitado o nosso povo. Que se demitam senhores, e deem o lugar a portugueses leais e honrados que sirvam efectivamente a causa do seu país!

### UMA POLÍTICA ANTI-AGRÁRIA

O governo de Salazar tudo subordina aos interesses dos grandes monopolistas. A eles sacrifica também a grande massa dos agricultores portugueses.

Uma prova disso é o crescente aumento do preço dos adubos que aproveita directamente à CUF, ao Amónico, Portugália e a outras grandes empresas. Entretanto, o aumento é só uma parte do drama. A outra parte é ainda mais pesada de consequências. À CUF, que é a grande fornecedora de adubos à lavoura, decidiu vender aos distribuidores a pronto pagamento. E estes resolveram fornecê-los aos agricultores igualmente a pronto. Como se sabe, estes antes só pagavam os adubos depois das colheitas, pois não têm recursos para custear imediatamente os adubos.

Por outro lado, a política tributária do governo pesa duramente sobre os pequenos e médios agricultores. No Cereja, por exemplo, os produtores receberam um novo aviso de aumento de 15% nas contribuições e em Grândola pretende-se cobrar 16\$00 por cada metro quadrado de propriedade, aos proprietários da Aldeia de S. João, quase todos de modestos recursos, para custear a reparação e construção dos arruamentos locais.

Com as perspectivas de um ano agrícola desfavorável, a situação dos agricultores agravar-se-á, se estes não se unirem para a luta contra a política anti-agrária do governo.

## A PAZ AO ALCANCE DOS POVOS

(continuação da 6.ª pag.)

rácter progressivo e pacífico da grande nação que se encontra na vanguarda da paz e para a qual os povos olham com esperança e orgulho — a poderosa e pacífica União Soviética.

O país dos «luniques» acumulou em 42 anos de regime socialista reservas morais e materiais duma envergadura jamais atingida na história, reservas que o tornaram a força decisiva da direcção dos acontecimentos mundiais. Esta força, à cabeça de uma poderosa comunidade de estados socialistas, impõe-se como uma barreira invencível aos fautores de guerras e realiza a esperança milenária dos povos numa paz duradoura. Cada vez mais aparece aos olhos dos povos que o Socialismo e a paz são indissolúveis e que quanto mais o Socialismo avança no mundo mais segura e real é a perspectiva duma paz duradoura.

Finalmente, a visita de Krustchev aos Estados Unidos é uma iniciativa diplomática de consequências incalculáveis para a manutenção da paz. O chefe do Governo soviético definiu nos seus contactos com os mais diversos sectores da vida americana a necessidade e as modalidades em que é possível a coexistência pacífica: o desarmamento, a intensificação das relações normais entre os povos nos domínios do comércio, da cultura e da ciência ao serviço da paz e fê-lo duma maneira que calou fundo na opinião pública americana e em todos os povos do mundo. Mesmo os círculos reacçãoários foram obrigados a reconhecer a verdade das intenções pacíficas da União Soviética e o seu devotamento à causa da paz. O plano de desarmamento geral apresentado por Krustchev à ONU constata a ideia mestra do Socialismo para a preservação da paz e o banimento da guerra como forma de resolver os problemas internacionais em litígio.

**Destruamos as bombas atómicas! Acabemos com a produção de armamentos! Punhamos as fábricas a produzir coisas úteis para os homens e para a paz!**

O plano soviético para o desarmamento geral assenta no princípio de que a paz é indivisível. O programa proposto pela União Soviética na ONU é claro e sem portas falsas: renúncia a qualquer tipo de força armada, excepto o mínimo necessário para garantir a segurança interna; abolição de todos os exércitos, estados maiores, ministérios da guerra e estabelecimentos de ensino militar; desmantelamento de todas as bases militares no estrangeiro; destruição das bombas atómicas e nucleares, energia atómica unicamente para fins pacíficos; destruição de todos os foguetes militares, de todos os submarinos, tanques, canhões, torpedos, navios de guerra, aviões militares e depósitos de munições para a guerra química e bacteriológica.

O programa soviético assenta numa base realista.

O seu estudo e ponderação impõe-se a todos os governos que es-

tejam efectivamente dispostos a eliminar a guerra e a trabalhar sinceramente para a manutenção da paz.

A repercussão do plano soviético foi enorme em todo o mundo. Nas próprias Nações Unidas os representantes de muitos países têm-se-lhe referido com evidente interesse, ao mesmo tempo que é visível o embaraço dos delegados das grandes potências imperialistas interessadas na corrida aos armamentos e na manutenção do clima de «guerra fria». Já o «partido da guerra» nos Estados Unidos se esforça desesperadamente por reduzir os efeitos pacíficos da visita do presidente Krustchev. Os Nixon, Truman, Acheson, Rockefeller, Altop, etc., esforçam-se por restabelecer o clima da guerra fria e agravar a tensão internacional.

Mas a vontade dos povos manifesta-se por toda a parte e das formas mais diversas, impondo-se aos governantes. Uma expressão dessa vontade foi a recente vitória dos conservadores nas recentes eleições inglesas. O triunfo real foi o da coexistência pacífica sobre a qual o Sr. Bevan, antes do anúncio da ida de Mac Millan a Moscovo, se pronunciou duma maneira ambígua e algo reacçãoária, o que pôs nas mãos do governo conservador a iniciativa das negociações com a URSS, que lhe assegurou a vitória eleitoral.

### O nosso povo quer a paz

O nosso povo sandou contentismo às iniciativas de paz da URSS e os gloriosos feitos da ciência e da técnica soviética na conquista do espaço cósmico. Em muitos pontos do País os jornais que noticiavam a visita de Krustchev e o envio dos «luniques» se esgotavam rapidamente e nas fábricas e herdades os trabalhadores comentavam interessadamente as palavras do Presidente do Conselho soviético nos seus contactos com o povo americano e os resultados da sua visita.

O plano soviético de desarmamento geral merece a todo o nosso povo o mais caloroso apoio. Salazar, como todos os lacaios dos belicistas americanos, opõe-se à aceitação e discussão desse plano. Mas o nosso povo deve exigir que o governo salazarista apoie na ONU o plano soviético e que, desde já, no plano interno, se leve à prática uma redução drástica das despesas militares.

Uma política de desarmamento geral traria incalculáveis benefícios ao nosso país. Com os milhões de contos que Salazar dispende para o armamento e as suas aventuras guerreiras nas colónias, poderiam desenvolver-se a indústria nacional, a construção de habitações, a melhoria substancial das condições de vida do nosso povo.

É preciso obrigar Salazar a renunciar aos seus planos agressivos, a fazer regressar imediatamente os jovens soldados que se encontram em Goa e em África e a aceitar e defender o plano de paz da URSS.

Pressionemos o governo, enviemos-lhe cartas, telegramas, representações para que se modifique no sentido da paz a política nacional,



MENSAGEM  
AOS MINISTROS PORTUGUESES

Acercé da tirania salazarista que se transformou Portugal num autêntico campo de concentração, os mineiros portugueses não puderam participar dos trabalhos da Conferência Internacional dos Mineiros realizada há passado mês de Agosto, em Varsóvia. Salazar impediu que o transcurso dos trabalhadores portugueses — a força que mais tem contacto com os seus camaradas estrangeiros e sobretudo quando entre eles estão elementos vindos de países socialistas. Por alguma coisa o impede sua Ex.<sup>a</sup> é que a sua doutrina corporativa não é nada sólida nem amica pelos trabalhadores portugueses e a força do exemplo é uma grande força.

Mas, apesar de todas as dificuldades impostas pelo salazarismo, os mineiros portugueses ainda conseguiram enviar à Conferência uma mensagem:

“Nós sabemos que a vossa luta é

sação de solidariedade operária:  
«Aos mineiros de Portugal, Que-  
ridos Camaradas:  
Agradecemos-vos vivamente as  
vossas saudações fraternais e calor-  
osas dirigidas à Conferência e las-  
timamos muito que as condições  
actuais impostas ao povo do vosso  
País não vos tenham permitido es-  
tardes entre nós.  
A Conferência foi um grande  
sucesso, que vós podereis julgar  
pelos documentos que vos envia-  
mos à parte.  
Pela leitura da vossa carta, nós  
vemos como os mineiros de Por-  
tugal são os melhores e mais cora-  
dores do mundo inteiro, nos-  
samos certos — como vós mesmos  
o dizeis — que conseguireis fazer  
recuar a vaga repressiva de que os  
trabalhadores de Portugal, inclu-  
indo os mineiros, são actualmente  
vítimas.  
Assegurando-vos mais uma vez  
toda a nossa solidariedade, recebei,  
queridos camaradas, as nossas fra-  
ternas e muito calorosas saudações.  
Pela União Internacional  
dos Sindicatos dos Mineiros,  
Victorin Duguet  
(Secretário-geral)

**A** VIZ — Cerca de 120 trabalhadores do alicerceamento da estrada eram miseravelmente explorados no regime de empreitada. Estojavam-se, mais o dinheiro era tão pouco que não resolveram reclamar junto do chefe de pistaagem do trabalho. Os trabalhadores tinham 15 e 15000 (mulheres), ou manter a empreitada, mas a 5000 o metro. Como o chefe recusasse, os trabalhadores pararam de trabalhar todo um quarto de século. Quando o chefe viu que não conseguia mais, este não apareceu e, ante a firmeza dos trabalhadores, ele teve que ceder e pagar os \$300.

Trabalharam 22 homens que, na mesma época, tinham uma melhor vida, impediram com a sua unidade que os cantoneiros os roubassem na hora de despejar e conquistaram, além disso, umihara ou sébido de 100 metros.

**2.º RINGE** — O anário Mira desumha-

Aproveitando-se de actual situação de crise e da penúria dos produtores e comerciantes de Angola, *aparecem* junctas uns senhores, evidentemente emissários do Banco de Angola, e oferecendo-se para pagar os restantes 70%<sup>100</sup> a um condições de se descontarem de 8%, e às vezes 10%, do valor a pagar pelo Banco de Angola, o que proporciona ao Banco usurário, lucros fabulosos.

A situação e as dificuldades do Partido Comunista Português não podem ser encaradas por todos os que lutam por um Portugal livre, pacífico e democrático, como uma situação que não dá lugar a uma acção revolucionária, a sua abnegação aos limites pela causa do povo, são indispensáveis para a derrota da camarilha fascista e a instauração dum regime de liberdade e Democracia.

Neste momento o Partido Comunista Português enfrenta a mais dura ofensiva do inimigo fascista, que procura, por todos os meios, impedir que os seus membros, aniquilar as suas organizações e aniquilar a sua voz que é a voz mais combativa e consequente da nação oprimida.

Por isso a luta da liberdade da classe operária é invencível como a própria classe operária. Mas, para defender um partido que é obrigado a viver na clandestinidade clandestinidade, para garantir a continuação das suas publicações regulares, para alargar e intensificar a sua acção, são necessários importantes meios financeiros: O Partido Comunista não tem outra fonte de recursos senão o povo e os seus amigos, simpatizantes, e militantes. Pois bem:

**DEMOCRATAS, AMIGOS, CAMARADAS! O PARTIDO COMUNISTA NECES-SITA DA VOSSA AJUDA!**

Auxíliar financeiramente o Partido, eleva as suas actividades regulares, fornece-lhe importantes contribuintes. É assim que o Avante!, pode à prova o vosso espírito de iniciativa e a vossa dedicação na intensificação da recolha de fundos para o Partido!

Ajudando o Partido Comunista, ajudais a construir o futuro luminoso da Pátria!



## É URGENTE LUTAR PELO AUMENTO GERAL DOS SALÁRIOS E CONTRA A CARESTIA

Aguarda-se a situação dos trabalhadores da cidade e do campo com a extraordinária subida do custo de vida e com a nova ofensiva contra os salários superiormente dirigida pelo governo salazarista. Depois da subida efectiva do preço do pão, pela redução de peso das suas unidades, outros géneros de amplo consumo estão a ser objecto de manobras especulativas da parte dos grandes monopolistas bem auxiliados pela política traidora de Salazar. Subiu já o preço dos ovos, da hortaliça, das batatas, do peixe, da carne, e agora o do azeite e do bacalhau.

O azeite, que o governo autorizou criminosamente exportar em detrimento das reservas necessárias ao consumo da nossa população, foi agora aumentado ao mesmo tempo que, pela criação de vários lipos, vai provocar-se a escassez artificial dos de mais amplo consumo para forçar a venda dos tipos mais caros e favorecer a colocação no mercado da desagradável mistura com o óleo de amendoim. A experiência mostra que a escassez do azeite provoca quase sempre a escassez e a especulação com as gorduras de origem animal, o toucinho e a banha.

O bacalhau já se vende em muitos pontos do país a 18, 19 e 20\$00, quando aparece, e presentemente assiste-se a toda uma manobra destinada a elevar mais ainda os preços. A pretexto da escassez do peixe, os grandes armadores do bacalhau — os Tenreiro, Orfins de Betencourt, Ramirez e outros — estão já a propalar a necessidade duma «compensação» a qual sairá como se sabe da magna bolsa dos trabalhadores. O que se passa com o leite é alarmante. Inexplicavelmente, foi reduzido o fornecimento do leite na capital. Aos leiteiros é agora fornecido apenas metade dos fornecimentos habituais. A UCAL está a provocar artificialmente a escassez do produto a fim de forçar o consumo do leite engarrafado que é vendido a 4\$80.

Paralelamente aumenta o custo, ou prepara-se a sua elevação, dos serviços essenciais à vida da população. Foram elevadas as tarifas

dos transportes urbanos, e as da electricidade na cidade do Porto, sobem por toda a parte as rendas de casa e manobras-se para elevar as tarifas eléctricas de Coimbra e de Lisboa, e as dos transportes urbanos e telefones desta última cidade.

### Um salário de acordo com o custo de vida

E enquanto a carestia da vida sobe em flecha, os salários mantêm-se estacionários.

Mesmo os magros aumentos conseguidos pela luta dos trabalhadores foram já realmente absorvidos pela elevação do custo de vida.

Esta aguda situação coloca diante dos trabalhadores a necessidade imediata de travar a luta pelo aumento geral dos salários, jornas e ordenados. O Ministro das Corporações está a activar a revisão em massa de contratos colectivos com o objectivo de estrair essa luta. Vários desses contratos não ultrapassam em muitos casos os salários que efectivamente se pagam já, ou trazem irrisórias melhorias que serão muito em breve anuladas pela carestia da vida.

Impõe-se lutar em massa junto dos Sindicatos e Casas do Povo, dos patrões e das próprias autoridades para que os salários sejam elevados de maneira a fazer face ao aumento do custo de vida.

A situação exige a realização imediata de amplas assembleias de trabalhadores a fim de se debaterem problemas, suas soluções e formas de luta.

Ao mesmo tempo, a luta pelo aumento de salários deve ser acompanhada por uma acção de massas contra a carestia da vida. Todas as portas de casa devem impedir os bairros onde habitam, nos mercados, um lado e parte, a fim de organizar a luta contra a carestia.

Só a luta arrancará o aumento geral dos salários, jornas e ordenados, e a luta deve ser levada a todas as fábricas e oficinas, a todas as herdades de trabalho e levado, se necessário for, até à greve.

Unidos, trabalhadores, para conquistar o aumento dos salários!

Unidos para travar a carestia da vida!

## ÁLVARO CUNHAL

(continuação da 1.ª pág.)

persistência e coragem.

Daqui lançamos um apelo a todos os comunistas, a todos os democratas, a todas as pessoas simples e honradas para que nos ajudem a libertar Álvaro Cunhal, por todos os meios ao seu alcance, através de moções, abaixo-assinados, inscrições, cartazes, telefonemas dirigidos ao Min. do Interior e da Justiça; à Ass. Nacional; às Pres. da República e do Conselho.

Daqui lançamos um apelo à ONU, à Associação Internacional dos Direitos do Homem, à Associação Internacional dos Juristas Democráticos, a todas as organizações progressistas para que nos ajudem a libertar Álvaro Cunhal, lutando incessantemente pela paz, a liberdade e a Democracia.

Álvaro Cunhal tem que ser libertado!

## CONTRA A POLITICA DE AGRESSÃO COLONIALISTA



O governo intensifica febrilmente os seus preparativos de agressão colonial contra os povos da Guiné, de Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e outros dominados pelo colonialismo português.

O «Avante!» tem denunciado nas suas colunas os preparativos de guerra colonial e os actos terroristas do governo salazarista contra as populações indígenas das colónias portuguesas. Novos actos e afirmações mostram a criminoso determinação de Salazar de tentar afogar em sangue o desejo de independência e de liberdade desses povos.

Depois do recente envio dos 95 finalistas da Escola do Exército para as colónias pelo prazo de dois anos, intensifica-se em todas as unidades militares o recrutamento de «voluntários» para a formação de unidades coloniais e fala-se já do envio de contingentes do Exército, da Armada e da Aviação para a Guiné e Angola.

Ao mesmo tempo, nas colónias recrudescem a acção da odiosa PIDE. Foram reforçados os quadros da PIDE com alguns dos mais sanguinários agentes daquela criminoso polícia, que está a aplicar em grande escala os seus mais brutais métodos de tortura contra os patriotas negros. Para Angola foi recentemente enviado como governador militar o antigo comandante da PSP, general Monteiro Libório, depois dum longo estágio em Goa para onde fora destacado num dos períodos mais agudos de provocação contra a União Indiana.

Agentes provocadores negros, traidores ao seu povo, foram enviados para o Congo Belga para vigiarem os trabalhadores angolanos que se encontravam naquela colónia e se infiltraram junto dos que lutavam pela independência do seu país. Uma vez regressados a Angola cerca duma centena desses patriotas foram presos pela PIDE e submetidos às mais selvagens torturas.

O governo arma activamente os colonos brancos e incita-os a utilizar as armas contra os indígenas.

Foram fornecidas aos diversos postos administrativos do interior e da fronteira de Angola e da Guiné metralhadoras e munições e às próprias missões católicas foram fornecidas carabinas sob pretexto de serem utilizadas na caça, mas na realidade com o objectivo de serem utilizadas contra o povo negro.

Os governantes salazaristas tudo fazem para acirrar o ódio entre

brancos e negros e preparam a agressão. O próprio Salazar, na carta enviada aos colonos portugueses de Angola por intermédio do jornal «Província de Angola», afirma que da actual «confusão» — confusão que resulta da política agressiva do governo — não deve resultar, nem paz, nem ordem, nem liberdade válida.

O governador de Angola, Sá Viana, aconselhou publicamente, para quem o quis ouvir, os colonos brancos a armarem-se e a prepararem-se para acções armadas. O ministro do Ultramar, na abertura das aulas do «Instituto de Estudos Ultramarinos», proferiu um discurso carregado de ameaças para os povos coloniais e no Colégio Militar organizam-se conferências cujo objectivo é despertar o espírito bélico dos jovens alunos para aventuras colonialistas. Nesta campanha de preparação psicológica para a guerra colonial, a própria Igreja Católica, por intermédio do chefe das missões em África, o Arcebispo de Cizico, recentemente chegado a Angola, dá a sua contribuição.

Este alto dignitário da Igreja proferiu ameaças e incitamentos à agressão colonialista que não podem deixar de ferir a consciência dos católicos honestos.

Entretanto, o governo salazarista nada faz para aliviar a aguda situação económica das colónias que, pesa, em primeiro lugar, duramente, sobre as populações coloniais. Com a queda dos preços do café e do sisal a crise em Angola atinge profundamente os agricultores indígenas e os pequenos colonos compelidos aquelas culturas pelas grandes companhias coloniais.

O povo português não está interessado na acção colonialista do governo de Salazar. A política de agressão colonial que ameaça arrastar para o auge a nossa ruivente e subverter os recursos da nação, é uma política condenada à falência.

Os povos das colónias portuguesas têm o direito de ser livres e viver independentes. Esse é também o interesse do nosso povo, que deseja manter laços de fraternal amizade com todos os povos, incluindo os que actualmente se escravizam pelo colonialismo português.

Combater por todos os meios a aventura bélica e reacçãoária que Salazar prepara em África é uma tarefa indispensável e honrosa para todo o nosso povo.

## Natal do Preso Político

PORTUGUESES! HOMENS E MULHERES DE CORAÇÃO! Organizai por toda a parte o «Natal do Preso Político». Muitas dezenas de patriotas encerrados nas prisões fascistas carecem de solidariedade, as suas famílias estão em alguns casos na miséria, uns e outros necessitam de uma prova corinhosa de que o seu sacrifício não foi em vão.

Recolhei por toda a parte donativos para os presos políticos e suas famílias. Dinheiro, roupas, géneros, tabaco, mil e uma coisas com as quais podereis levar a esses filhos e filhas do nosso povo o calor da vossa solidariedade.



# UM BALUARTE DA PAZ NO CORAÇÃO DA EUROPA A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ COMEMORA O SEU 10.º ANIVERSÁRIO

A formação a 7 de Outubro de 1949 da República Democrática Alemã foi um importante e decisivo passo do povo alemão para a democratização da Alemanha e para a consolidação da paz na Europa e no mundo.

Toda a gente se dá facilmente conta da diferença profunda do sistema social e da diferença de posições dos dois Estados alemães. Na República Democrática Alemã (R.D.A.) são a classe operária e as massas laboriosas do país que dirigem o governo, que edificam victoriosamente uma nova sociedade e fazem uma política de relações pacíficas com todos os povos. Na R.D.A. milhões de trabalhadores participam activamente na vida política com a consciência clara de que são eles os donos do Estado, que é da sua acção que depende o triunfo do socialismo na Alemanha. Estes trabalhadores condenam resolutamente a política reacção dos círculos governantes de Bonn. A população da R.D.A. está altamente interessada em que a Alemanha siga uma política de paz, para que se não tornem a repetir os erros sangrentos do passado, para que se ponha fim às manobras dos revanchistas nazis de Bonn.

Na República Federal Alemã, o governo de Bonn representa directamente os trusts germano-americanos que levaram Hitler ao poder e desencadearam a última guerra mundial. O governo de Bonn encontra-se nas mãos de antigos nazis e reacçãoários revanchistas, todos eles empenhados em fomentar conflitos entre os Estados do campo socialista e em lançarem para isso o mundo numa nova guerra. A Alemanha Federal é o único Estado na Europa com pretensões territoriais, na base das quais procura fomentar conflitos com os países vizinhos, como a Polónia e a Checoslováquia. O militarismo e o imperialismo germânicos começam a levantar cabeça e a lançar os seus tentáculos não só na direcção dos outros países europeus, como também na dos países coloniais. Na República Federal os interesses dos trabalhadores são calcados pelo grande patronato e pelo governo de Adenauer. No mês passado 60.000 mineiros desempregados organizaram uma «marcha da fome» até Bonn, para exigirem do governo fascizante pão ou trabalho. O governo de Adenauer esforça-se por torpedear qualquer entendimento respeitante a Berlim e à reunificação das duas Alemanhas.

Naturalmente, que aos círculos governantes dos Estados Unidos, interessados em manter no coração da Europa uma praça de armas ao seu serviço, a política de Bonn, profundamente reacçãoária anti-socialista, é aquela que mais lhes interessa, por constituir dentro da Europa um factor permanente de tensão internacional e de ameaças de novos conflitos. Esta é a razão de ser do interesse dos governantes norte-americanos pela «liberdade» do povo alemão e pela manutenção do poder do governo do Dr. Adenauer. Esta também é a razão por que

os governantes salazaristas cultivam com tanto esmero boas relações comerciais e políticas com o governo de Bonn.

O problema de Berlim e da existência dos dois Estados alemães só ainda não foi resolvido pelo próprio povo alemão porque a isso se opõem os imperialistas estrangeiros e os seus lacaios no governo de Bonn. Os reacçãoários alemães são hoje os mais fiéis representantes e intérpretes da política norte-americana para a Europa, os mais encarniçados inimigos de qualquer alargamento da guerra fria e da tensão internacional. São eles um dos principais obstáculos à solução do problema de Berlim.

No entanto, os trabalhadores da R.D.A. estão a fazer desta um farol para todo o povo alemão. O ritmo de desenvolvimento da R.D.A. cresce de ano para ano. Em 1950, o aumento da produção industrial foi de 6,2 por cento, em 1951 atingiu 7,7 por cento e em 1952 atingiu 10,9 por cento. Segundo dados do primeiro trimestre deste ano este aumento continua a registar-se. De 1959 para 1965 a produção industrial da R.D.A. deverá aumentar em 80 por cento!

Este rápido incremento da indústria socialista da R.D.A. torna-se ainda mais saliente se o compararmos com o que se passa na Alemanha Ocidental, onde os sintomas de crise se tornam cada vez mais evidentes.

Hoje, os trabalhadores da R.D.A. discutem em todas as empresas o novo Plano Setenal, de 1959 a 1965, o que permitirá à R.D.A. alcançar — e em alguns aspectos ultrapassar — a Alemanha Ocidental nos consumos por cabeça de produtos alimentares e industriais mais importantes. Isto, apesar de todo o auxílio económico e técnico que os imperialistas norte-americanos têm prestado aos seus pupilos de Bonn. Apesar das desiguais condições em que ficou dividida a Alemanha, pois os principais e potentes centros industriais, como o Ruhr, ficaram adentro das fronteiras da R.Federal.

O Plano do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, realizado em Fevereiro deste ano, chamou todo o povo à discussão e ratificação deste Plano. O povo fez, seu o Plano Setenal, garantia de que será levado a cabo e ultrapassado. Nas empresas, os operários, como donos das fábricas, lançaram-se na emulação socialista para a realização do Plano antes do tempo previsto. O décimo aniversário da R.D.A. será um balanço deste emulação nunca vista na história da Alemanha, quer das empresas entre si, quer dos dois Estados alemães. As vitórias dos trabalhadores da R.D.A. dirão ao povo alemão qual é o governo que melhor serve os interesses da nação alemã, tragar-lhe-ão o caminho do seu futuro.

O «Avante!», interpretando o sentir dos militantes do Partido Comunista Português, da classe operária e de todos os portugueses progressivos, saudou calorosamente o Partido Socialista Unificado, o Governo Democrático da República Democrática Alemã e todo o povo alemão, ao comemorar-se o 10.º aniversário da proclamação da R.D.A., garantia para o povo alemão e para os povos da Europa de que a Alemanha seguirá, de futuro, pelo caminho da Democracia e da Paz.

# A PAZ ESTÁ AO ALCANCE DOS POVOS

A perspectiva real da paz abre-se actualmente diante da humanidade. A ideia da coexistência pacífica, do entendimento entre todos os povos, qualquer que seja o seu sistema de vida, da solução dos diferentes internacionais pela via da negociação — e não pela força das armas — ganhou fundas raízes nas massas populares. A vontade dos povos e o decisivo poderio das forças interessadas na manutenção da paz estão reduzindo a pó as manobras dos belicistas e a fazer recuar as forças sinistras da guerra.

Esta sensível modificação do panorama internacional no sentido da paz tem a determinação e a assinala-la três acontecimentos de natureza diversa mas estreitamente interligados.

Referimo-nos à visita do Presidente do governo soviético, Nikita Krutchev, aos Estados Unidos, ao lançamento dos «Luniks» e ao 10.º aniversário da República Popular da China.

O grande povo chinês deu passos extraordinários na edificação

do socialismo, reforçou o seu prestígio e autoridade internacionais e obteve conquistas que pesam decisivamente na correlação de forças mundiais a favor da paz. Podem os imperialistas norte-americanos impedir com métodos de baixa política que a grande China Popular ocupe nas Nações Unidas o lugar que legitimamente lhe pertence como grande potência mundial. Mas não se pode impedir assim que uma grande nação, que representa uma quarta parte da população do globo, exerça a sua benéfica influência no avanço da paz e no consequente recuo das forças interessadas no desencadear do mundo numa guerra.

O êxito do envio dos dois foguetes lunares soviéticos para o espaço cósmico e a precisão com que atingiram os objectivos que lhes eram assinalados pelos homens que os lançaram na maravilhosa aventura do espaço, é, antes de mais nada, um elucidativo expoente do poderio, da superioridade, do ca-

(continua na 3.ª pag.)

# O POVO PORTUGUÊS NÃO ESTÁ SÓ

Salazar e o seu regime estão a ser implacavelmente desmascarados à escala mundial. Hoje a luta do povo português contra o despotismo é já largamente conhecida e admirados os exemplos de coragem e heroísmo de muitos dos seus melhores filhos.

Os Partidos irmãos têm prestado um valioso auxílio à nossa luta e, muito particularmente, a grande União Soviética.

O Conselho dos Sindicatos Soviéticos acaba de tornar pública uma declaração sobre a solidariedade do povo soviético para com as forças democráticas e progressistas de Portugal:

«O regime fascista de Salazar — diz a Declaração — que se baseia na violência, espezinhou os direitos humanos mais elementares e as liberdades democráticas».

São vítimas de prisão e de violência os representantes das mais diversas camadas de correntes políticas e correntes religiosas.

Na sua luta pela democracia e independência nacional, os trabalhadores de Portugal não estão só. Em todos os países do mundo amparamos o movimento de protesto contra o terror salazarista.

A opinião pública progressista exige a libertação dos presos políticos de Portugal.

Os trabalhadores da União Soviética expressaram a sua solidariedade com os democratas e patriotas portugueses em numerosos comícios e reuniões.

Os sindicatos soviéticos, juntamente com toda a opinião pública democrática mundial, exigem energeticamente:

— Liberdade para os que estão presos nas masmorras salazaristas; — Pão para os que estão famintos; — Libertação dos ditadores fascistas em Portugal.

Os referidos comícios de solidariedade para com os patriotas portugueses vítimas do terror salazarista, estão a realizar-se em várias cidades da URSS. Milhares de trabalhadores soviéticos se reúnem para, em vibrantes discursos expor a situação de fascismo que se vive em Portugal e protestarem para que cessem as torturas e as prisões, para que sejam libertados todos os presos políticos.

Entre outros, citamos os comícios realizados em Moscovo, nas fábricas de Rolamentos n.º 2, de guarda-lamas, de automóveis Lifatchov, num grande combinado têxtil, na

Faculdade de Direito; numa empresa metalúrgica de Petrovski e em Kiev, na Ucrânia; numa empresa de Leningrado, etc.

Num desses comícios, o Presidente do Comité Sindical do Combinado afirmou:

«A ameaça de actos sangrentos paira sobre os mais nobres filhos do povo português e espanhol. Pela sua acção patriótica na luta anti-fascista, foram lançados nas prisões o membro do Bureau Político do P.C. de Espanha, Sanchez Monerco; os líderes do movimento Operário Luis Lobato e Jimenez; os membros do C.C. do P.C. Português, Jaime Serra, Joaquim Gomes, Pedro Soares e milhares de outros patriotas».

Os operários do Combinado usam a sua voz à voz da opinião pública internacional. Protestamos energeticamente contra a perseguição de todos os cidadãos os patriotas de Portugal e Espanha.

Também no comício realizado na Faculdade de Direito os estudantes e professores aprovaram, por entre calorosos aplausos, uma moção de protesto contra as violências salazaristas e franquistas e apelaram no mesmo sentido para a juventude de todo o Mundo. Foi igualmente decidido que do texto dessa moção de protesto e solidariedade fossem enviadas cópias às Universidades de Lisboa e de Madrid e à União Internacional dos Estudantes.

Os povos da União Soviética dão-nos, assim, um belo exemplo de internacionalismo proletário, que é uma ajuda preciosa à própria luta do povo português pela sua libertação do terrorismo salazarista.

As forças progressistas portuguesas não estão só. Ao seu lado está o poderoso campo do socialismo e estão os milhões de comunistas e democratas de todo o mundo. É uma força enorme a que nos apoia.

# UMA GRAIHA

No último número de «Avante!», no artigo «Barragem Negra sobre a economia nacional» diz-se, entre outras, que dos débitos acumulados da balança comercial de 1954-58 «no montante de 17 MIL CONTOS, cabem à Alemanha Federal mais de 10 milhões de contos».

Os nossos leitores versados em problemas de economia devem ter reparado na «graiha» que se abre. — «No montante de 17 MILHOES de contos, cabem à Alemanha Federal mais de 5 milhões». Pedimos desculpas aos nossos leitores.